

social

REABILITAÇÃO DE PACIENTES ONCOLÓGICOS REÚNE
DIFERENTES HABILIDADES A SERVIÇO DE UMA BOA CAUSA

Ponto de partida para uma nova vida

Quando a doença se instala na vida de uma pessoa, além do sofrimento físico, outras dificuldades afetam a sua qualidade de vida, levando-a ao distanciamento de parte do seu círculo social para se dedicar com toda a energia a tratamentos, muitas vezes longos. Para minimizar esse impacto e também preparar o doente para retomar a vida normal após o tratamento, o trabalho realizado pelas equipes de reabilitação torna-se um instrumento indispensável. Desde o estímulo a atividades motoras, passando pelo suporte emocional e até a orientação em relação a direitos sociais, entre outras atividades, o objetivo final é sempre buscar qualidade de vida para os pacientes com câncer.

Marco Ripper acaba de voltar de uma viagem à Espanha, onde percorreu de bicicleta todo o caminho de Santiago de Compostela. Seria uma viagem comum, não fosse o fato de ele ainda se recuperar de uma série de quimioterapias e radioterapias para tratar um linfoma, descoberto em

2005. Ele estava assistindo à televisão, quando viu uma propaganda alertando sobre o autoexame da mama. Então, de brincadeira, ele começou a se examinar em busca de algum sinal. “Foi quando percebi que tinha uma glândula perto da axila. Aí, me levantei e percebi a presença em outros lugares, como na virilha. Então, fiz o tratamento e retirei essas glândulas linfáticas”, conta.

Como tem um primo que é médico, Marco decidiu pedir ajuda a ele, mas ressalta que a atenção, o carinho e o profissionalismo das equipes que o trataram foram fundamentais para a sua recuperação. Para ele, os profissionais que cuidam da reabilitação têm o dom para trabalhar com essa especialidade. “Eles conseguem transmitir esperança, alegria e confiança aos pacientes. No decorrer do tratamento, acredito que as funções acabam se misturando: os enfermeiros e fisioterapeutas atuam como psicólogos também”, observa.



Do outro lado da história, Rosana de Souza Lucena, supervisora técnica da Seção de Fisioterapia do Hospital do Câncer I, unidade do Instituto Nacional de Câncer, concorda com as afirmações de Marco Ripper. Rosana destaca que a parceria entre as equipes de reabilitação é o melhor caminho para devolver os pacientes oncológicos a uma vida saudável.

Desde que um paciente chega ao hospital, já tem início o trabalho das equipes de reabilitação. Os profissionais do Serviço Social, por exemplo, estão a posto para conhecer, em detalhes, a vida do paciente, sua família, onde mora, além de orientá-lo a respeito de direitos e deveres, trâmites internos do hospital e fornecer outras informações imprescindíveis para fechar seu ciclo de atendimento.

“Alguns pacientes, mesmo depois da alta, continuam a nos visitar. É um trabalho de formiguinha”

MARIA DA CONCEIÇÃO DA COSTA MOREIRA, chefe da Seção de Psicologia do Hospital do Câncer I

A fisioterapia também atua no pré e no pós-operatório. No tratamento inicial, há preparação para a cirurgia, são identificadas possibilidades de sequelas e o paciente é estimulado a fazer exercícios respiratórios e motores. No pós-operatório imediato, o auxílio será na postura, nos cuidados com drenos, na movimentação das pernas, dos braços e outros movimentos. Para cada pessoa é feito um planejamento específico, de acordo com seu estado de saúde e estilo de vida. O pré e o pós-operatório são essenciais porque, quando chega, o paciente está inseguro e com medo. Depois do procedimento, o paciente precisa querer se recuperar. Caso contrário, a reabilitação não terá os efeitos desejados. “O mais importante é a confiança. Esse acompanhamento é importante para que o paciente já confie em você”, pondera Rosana Lucena. O trabalho é desenvolvido também nas áreas de fonoaudiologia, nutrição e terapia ocupacional.

O Centro Universitário de Controle do Câncer (CUCC), do Hospital Universitário Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, passou a oferecer serviços de reabilitação de pacientes oncológicos em 2006 e também trilha o caminho da integração de especialidades para promover a recuperação dos pacientes. Teresinha Yoshiko Maeda, coordenadora de Serviços Técnicos, conta que hoje são realizados, em

média, 25 atendimentos por mês, na área de fonoaudiologia, e 50, em fisioterapia. “Utilizamos aqui no Centro Universitário um trabalho multidisciplinar, com profissionais de diversas áreas, como psicologia, nutrição e serviço social, além dos fisioterapeutas e fonoaudiólogos”, diz Teresinha.

TÉCNICAS DIVERSAS COM UMA ÚNICA META: RECUPERAR

Para contribuir com os resultados em todos os aspectos, muitos hospitais oferecem serviços de acompanhamento psicológico aos pacientes com câncer e, para muitos deles, a aprendizagem vai além do prazo de acompanhamento. Maria da Conceição da Costa Moreira, chefe da Seção de Psicologia no Hospital do Câncer I, do Instituto Nacional de Câncer (INCA), conta que trabalha com grupos psicoterapêuticos, em que são realizadas reuniões entre psicólogos e pacientes, principalmente portadores de lesões de cabeça e pescoço, ou com mutilações de membros. Em média, os grupos são compostos por 10 a 12 pacientes por semana. O primeiro encontro é em grupo. Depois o paciente é avaliado e direcionado para o ambulatório, onde é acompanhado durante todas as fases do tratamento. “Além disso, acompanhamos os familiares e oferecemos também a eles um suporte. Trabalhamos a dor que cada um traz”, comenta ela.

Maria da Conceição esclarece que, na maioria das vezes, no pré-operatório, os pacientes são mais resistentes ao acompanhamento psicológico porque ainda existe preconceito em relação ao trabalho desempenhado pelo psicólogo. No entanto, são abordadas apenas questões ligadas ao tratamento do câncer e, se existe a percepção de que o paciente tem outras dificuldades, ele é encaminhado para as CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), que são clínicas em que podem continuar o tratamento psicológico. “Alguns pacientes, mesmo depois da alta, continuam a nos visitar. É um trabalho de formiguinha”, completa

Maria da Conceição. |

